



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



A cobertura jornalística de questões sócio-ambientais nos grandes veículos de comunicação: Um estudo de caso da revista Veja

Jordânia Bispo Rocha ¹
Sarah Teófilo Marcelino ²

Resumo: Atualmente, a *Veja* é a revista de maior circulação nacional, o que faz dela um interessante espaço para perceber como se comportam os grandes veículos de comunicação de massa na produção dos discursos sócio-ambientais. Assim, esse artigo desenvolve uma análise de caso do especial sobre a Rio+20, publicado pela *Veja* no mês de realização do evento. O encontro, que reuniu chefes de estado de várias partes do mundo, com o intuito de discutir a relação homem-natureza e suas possíveis soluções, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, em junho de 2012. Por meio dos enquadramentos propostos pelo pesquisador Mauro Porto e das contribuições sobre o uso de fontes em matérias jornalísticas do teórico francês Patrick Charaudeau, este artigo propõe perceber como o especial da revista contribuiu para formação de uma única linha de pensamento – menos alarmista – em torno dos problemas ambientais do planeta.

Palavras-Chave: Revista *Veja*; Enquadramento; Questões sócio-ambientais; Rio+20.

1. Introdução

A sociedade pós-moderna tem discutido com cada vez mais empenho assuntos que circundam questões sócio-ambientais. Têm sido realizados congressos, feiras, fóruns, simpósios para que se possa avançar na discussão e, principalmente, chegar a acordos que visem melhorar a qualidade de vida da humanidade em harmonia com o meio ambiente. Nesse sentido, vale destacar que o Brasil tem tido participação significativa como anfitrião de encontros importantes que abriram espaço para essas e outras reflexões dentro deste cenário. O último grande evento realizado no país dentro dessa esfera foi a Rio+20, que ocorreu entre 13 e 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro.

1 Jordânia Bispo Rocha é graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: Jordania.jobis@gmail.com

2 Sarah Teófilo Marcelino é graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). E-mail: sarahteofilo@hotmail.com



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



Fala-se muito durante esses eventos sobre responsabilidades e uma destruição estrondosa do planeta. Há grupos defendendo a existência de uma solução na modernidade, bem como temos o contrário, com grandes personalidades que pregam que é a hora de frear o desenvolvimento tecnológico e se atentar para a “saúde” do planeta. São muitos os pontos de discussão, teses, pesquisas e interesses envolvidos, e no meio deste processo está o cidadão, que nem sempre tem conhecimento de cada ponto do debate, mas que quer e precisa estar atualizado das decisões, já que elas terão interferência direta em sua vida.

Este é o momento em que os veículos de comunicação de massa ganham papel de extrema relevância. É por meio da cobertura jornalística desses meios massivos que o cidadão, mesmo não participando dos encontros, se sente ativo na discussão e conseguindo acompanhar de perto o que é ou não prioridade neste cenário e dentro destes grandes eventos mundiais. No geral, é por meio do jornalismo que a população tem acesso à discussão sócio-ambiental, tão importante e difundida nos dias de hoje.

Por este motivo, esse artigo tem como objetivo entender como a revista *Veja* realiza coberturas jornalísticas de eventos mundiais que tenham como eixo central as discussões sócio-ambientais. Assim, por meio de um recorte temporal, vamos analisar como a revista de maior circulação nacional abordou a problemática ambiental no período da Rio +20.

2. O método e o *corpus*

Para a realização desta análise selecionamos como *corpus* o especial que a *Veja* produziu sobre o evento em duas partes: uma no dia 13 de junho de 2012 (edição 2273) com 28 páginas e a segunda subsequente no dia 20 de junho (edição 2274) com 33 páginas. Uma vez tendo escolhido e mapeado o material de análise, utilizamos uma articulação entre categorias de Porto (2001) e de Charaudeau (2010), que nos permitiu perceber quais as estratégias de enunciação foram utilizadas no especial sobre a Rio+20 e os enquadramentos desta que é a maior revista de circulação nacional no Brasil.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



Vale considerar inicialmente que durante a elaboração de um texto jornalístico, um profissional da comunicação pode selecionar, cortar, omitir, destacar, quaisquer conteúdos. O enquadramento é uma estratégia de ação que pode colaborar com a forma em que o leitor passa a enxergar o conteúdo jornalístico, estabelecendo qual interpretação dos fatos e temas que irão permanecer.

Neste sentido, o jornalismo tem por principal princípio informar de forma objetiva e imparcial. Sabe-se, entretanto, que já é um consenso a impossibilidade deste princípio ser alcançado, por diversos motivos, como por exemplo, o fato de cada indivíduo ter suas idiossincrasias. O profissional da imprensa deve, portanto, tentar se aproximar o máximo possível dessa imparcialidade, mesmo sabendo das sensibilidades e dos interesses existentes nesse segmento.

Em sua análise, Porto (2001) propõe dois tipos principais de enquadramento: o enquadramento noticioso e o enquadramento interpretativo. O primeiro se baseia na seleção e ênfase dada pelo jornalista ao organizar os relatos em seu texto. Esta forma de enquadramento seria o chamado “ângulo da notícia”, o enfoque dado, o *lead*. Já o enquadramento interpretativo, que aqui nos interessa, é mais específico, e pode ser definido como padrão de interpretação que promove uma avaliação de temas e eventos, apontando responsabilidades e recomendações.

Como estabelece Porto (2001), essas interpretações vêm de fontes como políticos, movimentos sociais, entre outros atores. Entretanto, os jornalistas às vezes contribuem com seus próprios enquadramentos interpretativos na produção de notícias, mas o *frame* é mais referente a opiniões de políticos e outras pessoas fora da redação jornalística. Deve-se lembrar ainda que a interpretação especificamente do jornalista, de forma clara, vem em colunas, artigos de opinião, análises, ou quaisquer outros gêneros jornalísticos que reservam espaço para posicionamento do profissional.

Neste contexto, como mostra Porto (2001), a imprensa tem um papel importante ao privilegiar os enquadramentos de alguns autores em detrimento de outros pontos de vista. Seja um enquadramento de um ator social, do próprio jornalista ou referente à linha editorial do veículo, “enquadramentos são importantes instrumentos de poder” (PORTO, 2001, p.5). Ele ainda aponta



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



que o modelo de controvérsias interpretativas propõe uma classificação do formato dos conteúdos jornalísticos, que servirão para identificar quando determinado enquadramento interpretativo predominam nas controvérsias desenvolvidas pelos veículos de comunicação.

O autor explica que há quatro modelos: o restrito (quando há apenas uma interpretação); o plural-fechado (quando há mais de uma interpretação, entretanto, uma é apresentada como sendo mais correta que a outra); plural-aberto (quando há mais de uma interpretação, mas são tratadas de forma mais indeterminada, sem que nenhuma seja apresentada como sendo mais correta); episódico (quando nenhuma interpretação é apresentada e a notícia se limita a relatar o fato). Essas categorias serão importantes para a análise do conteúdo deste artigo.

Além de utilizar as noções de enquadramentos e das controvérsias interpretativas, propostas por Porto (2001), nos valem da categoria “Problemas de escolha dos atores: a armadilha da notoriedade”, utilizada pelo teórico francês Patrick Charaudeau. Esta última foi uma metodologia complementar que nos foi útil para percebermos como foi feita a escolha de fontes que embasaram as matérias jornalísticas e artigos de opinião que constituíram este especial, já que durante uma pesquisa exploratória inicial percebemos que este elemento se sobressaía em relação aos demais. Este artigo propõe, portanto, utilizar tais categorias em conjunto para identificar como os cadernos especiais da revista *Veja* enquadraram o conteúdo sócio-ambiental.

3. Formatos e enquadramentos estratégicos na construção do especial sobre a Rio+20

Foi possível observar que, de todas as 16 matérias -- com característica de entrevista, reportagem ou artigo – analisadas, oito possuem características de conteúdos interpretativos restritos; quatro plurais-fechados; um plural-aberto; dois noticiosos centrados na personalidade e um noticioso temático.

O texto de abertura³ do caderno especial mostra que a revista irá tratar o tema predominantemente com enquadramentos interpretativos. “A conferência sobre o desenvolvimento

3 A TERRA que queremos. *Veja*, São Paulo, v.45, p. 94-95, 2012. Edição 2273.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



sustentável dificilmente apresentará grandes sucessos ou dramáticos fracassos.” Essa é a frase introdutória da matéria, que frisa a importância do consumidor no papel de pressionar o mundo a produzir de uma forma mais preocupada com o ambiente.

Esta introdução deixa claro ao leitor que a *Veja* não irá mostrar uma perspectiva alarmista, com pontos que remetam a uma preocupação dos riscos que o planeta corre. O enquadramento interpretativo restrito pode ser visto com clareza ao fim da introdução, quando é dito: “Em 28 páginas, *VEJA* apresenta uma série de reportagens e artigos que ajudam a fugir da retórica vazia, do dramatismo inútil e da exploração ideológica em torno dos problemas ambientais.” (A terra que queremos, 95, *Veja*, 2273).

A primeira matéria do especial⁴ se resume a uma série de gráficos e tabelas em que se compara o mundo e o Brasil de 1992 com o de 2012. Em suma, fala-se em uma evolução em que o pensamento ecológico auxiliou a equilibrar o meio-ambiente com o crescimento. Cada tabela possui abaixo a origem dos dados que provam o que é dito pelo jornalista.

O enquadramento interpretativo restrito fica claro quando se observa que dos 14 tópicos, nove são positivos para o mundo. (Exemplos: IDH cresceu para a maioria dos países; mais saneamento básico; menor ritmo de desmatamento). Em apenas três pontos das matérias foram abordadas questões negativas adquiridas pelo mundo em vinte anos: “A terra perdeu 12% da biodiversidade”; “Multiplicação de carros”; e “Emissão de CO2 cresceu muito nos últimos 20 anos”.

Ao fim, o último tópico – “O inevitável paradoxo da riqueza” – fala que a população mundial gasta mais, mas vive melhor. O texto ainda diz que se consome mais produtos naturais, entretanto, desde 1992 o mundo conseguiu desenvolver modos menos prejudiciais de explorar o meio-ambiente. Esta parte do texto é a única que se aproxima mais de uma interpretação plural-aberta, com posicionamentos diferentes colocados ao leitor, sem privilegiar um ou outro.

Mais a frente, o especial traz o artigo de opinião⁵ assinado por dois antropólogos que

4 COMO estamos 20 anos depois. *Veja*, São Paulo, v.45, p. 96-100, 2012. Edição 2273.

5 SHELLENBERGER, M.; NORDHAUS, T. O único caminho é a civilização. *Veja*, São Paulo, v.45, p.102-107, 2012. Edição 2273.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



levantam a tese de que é preciso investir cada dia mais em tecnologia e não se abster deste recurso para salvar o planeta. Toda a argumentação é baseada no enquadramento interpretativo restrito, onde não há sequer dados conflitantes para que o leitor pudesse ter condições de refletir sobre outras perspectivas. Os autores utilizam a construção de 78 comportas móveis em Veneza, na Itália, para enfatizar que a humanidade precisa de iniciativas como estas se quiser se salvar de futuras catástrofes ambientais.

Vale ressaltar que, por ser um artigo de opinião, não há de fato a necessidade de se trabalhar outros pontos de vista, no entanto, como veículo de comunicação de massa, a revista *Veja* pecou na sua relação com o cidadão que a utiliza como única/principal fonte de informação. Como este artigo de opinião está inserido junto a outras reportagens jornalísticas com estruturas semelhantes, ele acaba por atuar como elemento estratégico da revista na formação de opinião e consenso de seus leitores.

Na reportagem⁶, é possível constatar como predominante o enquadramento interpretativo plural-fechado. A jornalista que assina a matéria até apresenta mais de uma fonte e citações de personalidades importantes ao discutir as mudanças de posicionamento de grandes nomes do segmento ambiental, porém, todas concordam com a hipótese de que o aquecimento global não é “culpa” do ser humano. Ou seja, o texto em questão se configura como uma matéria jornalística, mas acaba por produzir efeitos semelhantes a um artigo de opinião, que não prioriza a multiangularidade.

No texto⁷, temos mais uma vez a presença do gênero artigo de opinião. A autora é médica e possui forte atuação dentro da discussão ambiental. O texto é focado na ideia de desenvolvimento sustentável e enfatiza a importância de grandes representantes do poder público abraçarem esta causa. No final do artigo de opinião, ela conclui que a Rio+20 seria um bom espaço para essa tomada de decisão. Neste caso, temos novamente o enquadramento interpretativo restrito em destaque.

6 BUTTI, N. Um dogma começa a derreter. *Veja*, São Paulo, v.45, p. 110-113, 2012. Edição 2273.

7 BRUNDTLAND, G. Os ponteiros do relógio estão andando. *Veja*, São Paulo, v.45, p. 114-115, 2012. Edição 2273.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



A reportagem⁸ não foge aos padrões estratégicos utilizados até aqui, neste especial. A matéria jornalística faz uso do enquadramento interpretativo plural-fechado ao abordar os dilemas dos índios brasileiros, sua luta pelo direito à propriedade e a interferência negativa, do ponto de vista do autor do texto, da Funai e o Conselho Indígena Missionário (Cimi). Mais uma vez, percebemos uma construção de sentido que não traz opiniões conflitantes para que o leitor reflita e forme seu posicionamento, mas sim um consenso pré-estabelecido que está sendo repassado por meio deste texto.

Na última matéria da edição⁹, o enquadramento é plural-fechado. Por mais que apresente uma espécie de glossário ambiental, com palavras recorrentes no meio da discussão envolvendo meio-ambiente, em alguns momentos uma interpretação específica fica em evidência. Um exemplo é na apresentação da palavra "orgânico", ao que o jornalista afirma: “Ser orgânico é mais caro, e supostamente mais saudável, embora o atual estágio das evidências científicas não corrobore esse ponto de vista”, segundo a agência de alimentos britânica, a Food Standards Agency”.

Na edição subsequente, 2274, identificou-se dez conteúdos no caderno especial Rio+20, sendo que um deles foge do padrão reportagem/artigo presente nos dois cadernos especiais. Intitulada “Energia para todos”, o conteúdo de duas páginas, feito em forma de gráfico, fala de forma pontual sobre custo de energia no planeta, emissão de CO2 e energia sustentável, aproximando-se de um conteúdo interpretativo episódico.

A primeira matéria¹⁰ da edição é a única do caderno especial que apresenta características de um enquadramento interpretativo plural-aberto, com dois posicionamentos e sem privilegiar um ponto de vista específico desta área ambiental – nem a vertente cética, tampouco a que prega o imediatismo na solução dos problemas ambientais.

O conteúdo subsequente¹¹ é uma comparação do que foi dito pela própria revista na Eco92 e o que, na época, vinha sendo mostrado na cobertura da Rio+20. Com uma intenção clara de mostrar

8 ADIVINHE qual é a terra dos índios. **Veja**, São Paulo, v.45, p. 116-121, 2012. Edição 2273.

9 RODRIGUES, Sérgio. O léxico da língua verde. **Veja**, São Paulo, v.45, p. 122-124, 2012. Edição 2273

10 JIMENEZ, G; ARINI, J. Quem vai pagar a conta? **Veja**, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 108-111, 2012. Edição 2274.

11 A vida depois da Eco92. **Veja**, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 108-111, 2012. Edição 2274.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/

a “evolução” do pensamento verde para algo economicamente viável para os empreendimentos planetários, a matéria cujo enquadramento é interpretativo restrito mostra figuras que se tornaram evidentes no Fórum Global há mais de 20 anos, e compara com o que é este personagem hoje.

O primeiro caso é de Paulinho Paiakan. Na imagem, o índio usa uma câmera fotográfica; no texto, é apontado como alguém sem influência depois de ter sido preso, ainda em 1992 – foi capa de uma das edições da *Veja* na época do encontro – por estuprar, torturar e tentar matar uma estudante branca de 18 anos.

Além do índio, o texto lembra do Greepeace – “O Greepeace já não faz o barulho de antes” -, da então ministra francesa Ségolène Royal e do canadense Maurice Strong, que comandou a Eco92, mas em 2012 perdeu a força, já que em 2005 se envolveu-se em um escândalo que resultou em um pedido de sua saída da ONU. Em todos os casos fala-se sobre como perderam espaço e força nestes 20 anos.

Outra matéria¹² que vem com a mesma intenção é a cujo foco é o índio Almir Suruí. Centrado na personalidade, os suruí são apresentando um plano de desenvolvimento sustentável de 50 anos perfeitamente adaptado à lógica econômica de um capitalismo sustentável. Assim, o texto reitera pensamento presente na *Veja* Rio+20: a evolução econômica com o pé na conservação.

Na matéria¹³, o crescimento demográfico pode ser algo não tão ameaçador. O texto aponta alguns pontos de vista sobre o aumento demográfico no mundo, apresentando vertentes que creditam todos os problemas ambientais à população, e outras que consideram o aumento populacional desimportante desta discussão. Escrito por um doutor em demografia da escola nacional de ciências estatísticas do instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE), a matéria apresenta mais de um pensamento, mas privilegia um em detrimento do outro, sendo, portanto, um enquadramento plural-fechado.

O conteúdo¹⁴ subsequente é interpretativo restrito. Por mais que a matéria coloque algumas

12 NOGUEIRA, T. Minha arma é o computador. *Veja*, São Paulo, v.45, p. 138-142, 2012. Edição 2274.

13 ALVES, J. E. D.; Gente, um tabu a ser enfrentado. *Veja*, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 116-119, 2012. Edição 2274.

14 KAREIVA, P.; LALASZ, R.; MARVIER, M. A marca humana. *Veja*, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 122-128, 2012. Edição 2274.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



facetas da problemática, aponta que a solução para a preservação é a integração da modernidade com a natureza e coloca o problema ambiental como algo menor, com o aumento de áreas de preservação que tentam mudar esse cenário de destruição. O conservadorismo é colocado como algo absurdo, se levado a cabo em sua totalidade. “Interromper o desmatamento da Amazônia, uma área do tamanho do território continental dos EUA é possível? É ao menos necessário?”

Com um enquadramento restrito, a matéria¹⁵ usa a figura de Dom Pedro II como gancho para afirmar que os personagens políticos ambientais não conseguem proteger o meio-ambiente, como fez o imperador ao preservar a Floresta da Tijuca. Escrito por um estudioso da biodiversidade da Amazônia e do Brasil desde 1965, Thomas Lovejoy critica o foco no desenvolvimento e a falta de um olhar para o “ambiental” e “sustentável”.

Já a matéria¹⁶ fala de dados relacionados ao oceano. Uma pesquisa realizada em 2011 é usada como base para início da apresentação, tendo, inclusive, alguns dados da viagem marítima de um ano anterior apresentado. Por ser focada em um assunto específico, o conteúdo encaixa-se no enquadramento noticioso temático de Mauro Porto (2001).

Por fim, no penúltimo conteúdo¹⁷, o autor, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Adalberto Luis Val, estimula o conhecimento sobre a Floresta Amazônica para poder protegê-la, para ter “plena soberania” sobre ela. “O desconhecimento científico do solo, da fauna e da flora, a quase completa falta de informações, limita as necessárias intervenções na região para assegurar a inclusão social associada a conservação ambiental.” A matéria possui enquadramento interpretativo restrito, ao mostrar apenas um ponto da questão.

O último conteúdo¹⁸ da edição 2274 fecha frisando um pensamento que a *Veja* dá destaque. Também noticioso centrado em uma personalidade, a entrevista é com o jornalista inglês James Delingpole, cético em relação ao aquecimento global.

15 LOVEJOY, T. O imperador visionário. A marca humana. *Veja*, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 144-145, 2012. Edição 2274.

16 BORTOLOTTI, M. Luz na escuridão dos mares. *Veja*, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 134-135, 2012. Edição 2274.

17 VAL, A. L. Como proteger a Amazônia. *Veja*, São Paulo, v. 25, n. 25, p. 146-149, 2012. Edição 2274.

18 TEIXEIRA, J. A conspiração dos verdes. *Veja*, São Paulo, v. 45, p. 150-152, 2012. Edição 2274.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



4. A importância das fontes na construção do discurso da Veja

Até aqui pudemos observar que as duas partes do especial publicado pela revista *Veja* no período de realização da Rio+20, de fato, foram muito mais focadas em construir uma opinião já pré-estabelecida pelo veículo, do que necessariamente trazer elementos pertinentes dentro do cenário sócio-ambiental para que o leitor tirasse suas próprias conclusões e estabelecesse seus posicionamentos. Observarmos a importância estratégica dos enquadramentos, mas também pudemos constatar que as fontes escolhidas para embasar tais textos também desempenharam papéis fundamentais.

Considerando Charaudeau (2010, p.73) sobre a formação do discurso midiático, nota-se com mais clareza a real intenção deste especial. “Todos contribuem para fabricar uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, uma coenunciação, cuja intencionalidade significativa corresponde a um projeto comum a esses atores e do qual pode dizer que, por ser assumida por esses atores, representa a ideologia do organismo de informação.”

As reportagens trazem citações de pessoas consideradas “autoridades” nas discussões sobre meio ambiente, além de cientistas políticos, antropólogos e outras personalidades que podem influir no processo da formação da opinião dos leitores. A ideia de “autoridade” oferece ao leitor certa confiabilidade, o que faz com que seja possível que ele acredite que algo é pertencente à realidade não pelo fato de verdadeiramente o ser, mas sim, pelo fato de que alguém que possui notoriedade está afirmando que é.

A revista abre a primeira parte do especial fazendo um compromisso de oferecer ao leitor uma cobertura sobre a Rio+20 que fuja do que ela chama de “dramatismo inútil” e “exploração ideológica” dos problemas ambientais. Daí por diante seguem as matérias carregadas de princípios que conduzem à idéias de confronto como tecnologia x natureza e ecoteologia x modernidade, quase sempre chanceladas por uma fonte notória.

Na matéria “O único caminho é a civilização” escrita pelos antropólogos americanos Michael Shellenberger e Ted Nordhaus é possível perceber com clareza que a revista defende a ideia de que a tecnologia é um caminho interessante para se resolver os problemas ambientais. Ao fazer uma analogia da salvação do planeta às soluções tecnológicas optadas por Veneza, os autores



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/



ênfatisam que a tecnologia seria a melhor escolha para resolução dos problemas ambientais.

A matéria “Um dogma começa a derreter” também é um bom exemplo para esta constatação com relação ao peso das fontes e sua notoriedade. A reportagem aborda a mudança de postura do ambientalista inglês James Lovelock e do físico norueguês Ivar Giaever. Ambos eram defensores de destaque da tese de que o aquecimento global ocorre por interferência humana. A revista se utiliza de trechos das declarações dos mesmos para causar mais impacto ao leitor.

Toda essa construção que a revista faz ao longo das matérias é embasada por fontes escolhidas por ela mesma. Segundo Charaudeau (2010), as mídias não escolhem qualquer especialista. Afinal, essa escolha é feita com base no discurso que as mídias querem transmitir. Os atores sociais escolhidos precisam ter notoriedade e estar de acordo com o ponto de vista das mesmas. Com a revista *Veja* não é diferente. Todas as reportagens analisadas sobre a Rio+20 neste especial composto por duas partes, apresentam como fonte pessoas que são reconhecidas dentro do âmbito das discussões sobre meio ambiente ou institutos notórios dentro dessa temática, o que acaba legitimando o discurso, fazendo com que os leitores tenham maior confiança naquilo que está sendo dito.

Na segunda parte do especial, podemos destacar outras duas reportagens onde é possível verificar esse uso estratégico de fontes/especialistas. O texto “A Marca Humana”, por exemplo, é mais um dos artigos de opinião que a *Veja* trouxe no compilado de matérias sobre a Rio +20. O texto se dedica a enfatizar os pontos negativos e de insucesso do movimento conservacionista.

O uso estratégico das fontes se dá de duas formas diferentes. Em um primeiro momento se dá na autoria do texto, já que as três personalidades que assinam o material são ambientalistas, cientistas, ou mesmo coordenadores de departamentos importantes. No segundo momento, o mesmo uso se dá nas citações de nomes de pessoas tidas como “importantes” no cenário ambiental, porém, é essencial ressaltar que elas são citadas em um contexto de desconstrução ou desqualificação. São citados pelo menos três exemplos de personalidades que deram declarações ou escreveram livros se posicionando contra a modernidade e os avanços tecnológicos, e que, na visão dos autores do artigo, foram incoerentes em suas colocações.

O artigo de opinião “Como proteger a Amazônia” é outro bom exemplo do uso estratégico



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/

de fontes para construção dos posicionamentos do veículo acerca das questões sócio-ambientais. No texto assinado por Alberto Luis Val, que é diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), fala-se sobre a importância do investimento em conhecimento para resolução ou mesmo minimização de problemas ambientais da região. A argumentação do autor do texto traz contextualizações históricas, mas ganha ainda maior peso pelo posto que ele ocupa dentro do cenário sócio-ambiental. Ser diretor do Inpa dá a ele, frente ao leitor, a chancela de “conhecedor” da realidade que está sendo discutida. O que pode ser positivo, mas também um elemento que atrapalhe o leitor em uma análise mais criteriosa a respeito dos fatos.

Outro fator interessante detectado na análise é estrutura de apresentação dos gráficos e tabelas. Este é mais um elemento que influi na construção da opinião do leitor, pois as fontes são sempre institutos que possuem relevância dentro da discussão ambiental. A disposição dos mesmos é quase sempre a mesma: informação – gráfico – fonte. O que pode ser averiguado nos gráficos/tabelas das páginas 96-97, 98-99, 100 e 118-119 da edição 2273 e nas páginas 116-119, 132-133 e 144-145 da edição 2274.

Assim, verifica-se com clareza que a mensagens da Veja tem o intuito de interferir no processo de construção da opinião de seus leitores, já que a mesma transmite seus discursos nas reportagens e artigos as legitimando por meio das fontes cuidadosamente escolhidas. Fontes estas, que Charaudeau (2010) afirma não serem escolhidas sem algum propósito específico. De fato, pudemos constatar que existe um posicionamento a favor da tecnologia como solução para os problemas sócio-ambientais, e que esse mesmo posicionamento leva o veículo a escolher fontes que concordem, argumentem e legitimem essa posição.

6. Considerações finais

A análise dos textos deixou clara intenção da revista Veja em legitimar um discurso pouco alarmista em relação aos problemas ambientais do planeta. Foi possível observar que, de todas as 26 matérias, com característica de entrevista, reportagem ou artigo, analisadas, 12 possuem características de conteúdos interpretativos restritos; cinco plurais-fechadas; duas plurais-abertas; quatro noticiosas centradas na personalidade, duas noticiosas temáticas e uma interpretativa episódica.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



Observou-se, portanto, a presença massiva de conteúdos interpretativos, principalmente, aqueles que apresentam apenas um tipo de interpretação do fato. Conforme Mauro Porto (2001), os jornalistas contribuem para as interpretações dos fatos, mas estes enquadramentos geralmente tem origem nos atores sociais externos.

No caso da Veja, foram escolhidas fontes para embasar textos, no sentido de reafirmar um só pensamento, apontando para cientistas apoiadores de teorias do conservadorismo como se fossem utópicos, aclamando um pensamento de evolução da sociedade com um cuidado em relação ao meio ambiente. A matéria que fechou a série dos cadernos especiais prova muito bem este apontamento. “A conspiração dos verdes”, é uma entrevista com um jornalista inglês cético em relação ao aquecimento global.

Sabe-se que, conforme Charaudeau (2010), as mídias não escolhem qualquer especialista. Afinal, essa escolha é feita com base no discurso que as mídias querem transmitir. Com conteúdos predominantemente interpretativos restritos e plurais-fechados, a revista não abriu espaço para debate, e mostrou apenas um lado dos pensamentos em relação aos problemas ambientais.

Vale ressaltar que o pensamento da revista mudou em relação ao que pôde ser visto em 1992. Conforme artigo de Silva e Marcelino (2012)¹⁹, em que foi feita uma análise comparativa da cobertura da Eco92 e da Rio+20, a cobertura da Veja em 1992 apresenta uma visão mais apocalíptica, dramática e catastrofista sobre a sobrevivência da vida no planeta. As Organizações Não-Governamentais (ONGs) obtiveram certa visibilidade e voz nas edições e os textos eram mais alarmistas. Já em 2012, a ciência ganha uma perspectiva importante, assim como o “consumidor consciente” como resposta aos problemas ambientais atuais. É feito, ainda, uma forte crítica ao movimento conservacionista e suas propostas.

Por fim, ficou claro que o jornalismo feito pela revista Veja durante o período da Rio+20, no mínimo, deixou de colaborar como poderia com o cidadão-leitor que a utiliza como meio principal para se informar. Considerando que as questões sócios-ambientais já não costumam receber espaços significativos, e que, nem sempre são apresentadas em sua amplitude, ter uma oportunidade como

19 SILVA, Noêmia Félix; MARCELINO, Sarah Teófilo. O discurso ambiental da Veja sobre as Conferências da ONU sobre Meio ambiente e Desenvolvimento: uma análise comparativa da cobertura da Eco92 e da Rio+20. 2º Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA), Universidade Federal de Sergipe (UFS). Maio/2013



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enja.com.br/



essa para abordar as temáticas e acabar por prestar um “desserviço” à sociedade, de fato, não é a postura ideal para um veículo com a amplitude e penetração que a Veja possui. Ser púlpito para uma discussão ambiental em um momento onde todos os holofotes estão voltados para esta temática aumenta significativamente a responsabilidade do veículo, mas também seus efeitos. Neste caso, interesses e posicionamento pré-estabelecidos podem ditar o curso dos conteúdos publicados, conforme percebemos nesta análise.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PORTO, M; VASCONCELOS, R; BASTOS, B. A televisão e o primeiro turno das eleições presidenciais de 2002: análise do jornal Nacional e do horário eleitoral. In: **Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política**. São Paulo: Hacker, 2004, p. 68-90.

SILVA, Noêmia Félix; MARCELINO, Sarah Teófilo. **O discurso ambiental da Veja sobre as Conferências da ONU sobre Meio ambiente e Desenvolvimento: uma análise comparativa da cobertura da Eco92 e da Rio+20**. 2º Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA), Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, 2013.